

HERMENÊUTICA E HISTÓRIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL PARA O ESTUDO SOBRE AS MULHERES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Márcia Maria da Silva Barreiros Leite*

Resumo: *O texto tem como objetivo refletir sobre a importância da Hermenêutica enquanto um método crítico das ciências humanas contemporâneas para o estudo da história. A partir dos princípios básicos presentes na obra do filósofo Hans-Georg Gadamer (1900-2002), analisam-se as possíveis contribuições da hermenêutica para as pesquisas referentes à história das mulheres e das relações entre os gêneros.*

Palavras-chave: Hermenêutica, história, mulheres.

Dentro dos estudos contemporâneos, a leitura e a escrita da história vêm sendo objetos constantes de reavaliação e crítica. O conhecimento do passado através das novas técnicas e métodos, ancorado nos diferentes suportes documentais, é uma contribuição direta da renovação historiográfica processada no interior da disciplina a partir da escola francesa dos Annales no início do século XX (BURKE, 1991).

Não obstante a inovação operada pelos Annales no campo mais técnico e metodológico da disciplina histórica, a discussão sobre a estrutura epistemológica da explicação em história e o problema do método ainda constituem preocupação importante, pelo menos para uma parte da comunidade acadêmica. Não raro, os filósofos, antropólogos, linguistas e críticos da cultura, juntamente com os historiadores, num diálogo interdisciplinar, discutem caminhos para outras posturas metodológicas que dêem conta dos avanços ocorridos na sociedade, no campo tecnológico ou no campo intelectual e das idéias.

O método interpretativo da hermenêutica, assumindo a característica da reflexividade, se configura numa possibilidade crítica da modernidade. Esse procedimento liga-se a uma desconstrução operada no campo da Teoria do Conhecimento, que nega às ciências que têm como objeto de estudo as sociedades humanas toda e qualquer pretensão à verdade e objetividade científicas. O conhecimento histórico, a partir de então, deve ser pensado na sua transitoriedade temporal e na sua relatividade discursiva.

Essa compreensão situa-se num contexto de debate pontuado por uma profunda crise das ciências sociais, que revisa noções como a de *tempo histórico, discurso e representação* do e sobre o passado, *narrativa e linguagem* do historiador. Se por um lado, as referidas questões põem à prova a validade da história como produtora de um conhecimento do passado e, conseqüentemente, o ofício do historiador, fragilizando as bases da disciplina e apontando para o seu fim, por outro lado, elas são o retrato de uma autocrítica e de um processo de superação dos velhos modelos de explicação dominantes que encerravam em limites rígidos o conhecimento sobre as experiências dos indivíduos no passado (CHARTIER, 1991).

A denominada crise da consciência histórica é produto e também uma conseqüência da depuração que a sociedade moderna vem procedendo acerca dos projetos iluministas não-realizados. A despeito de toda racionalidade científica construída e acumulada desde o século XVIII e desdobrada em muitos avanços tecnológicos e alguns ganhos sociais na contemporaneidade, os sujeitos históricos se debatem sobre as suas experiências no presente,

* Doutora em História Social PUC/SP. Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Universidade Católica do Salvador.

suas lutas e sobrevivências, a partir dos seus variados níveis de consciência e percepção que têm sobre os problemas do mundo. Esse processo de reflexão atinge indistintamente a todos: dos profissionais da história àqueles comprometidos com a crítica da cultura e da modernidade.

Nesse sentido, a viabilidade de um método de análise para as ciências humanas que tanto seja capaz de pensar a complexidade do problema da consciência histórica, como também desenvolver e instigar um pensamento mais plural com vistas à interpretação de *passados* múltiplos, é de extrema necessidade. Isso significa dizer que as diversas experiências humanas que envolvem sujeitos diferentes, para além do homem universal cartesiano, devem ser consideradas, historicizadas e passíveis de interpretações, num nítido exercício de desocultamento ideológico do passado.

Faz-se necessário evidenciar que não se trata da busca incessante de um método ou da instituição de um método único para a crítica da história, pois se entende que “*é o próprio objeto que deve determinar o método apropriado para investigá-lo*”. Contudo, deve-se levar em conta que a hermenêutica possibilita ao estudioso uma interpretação preocupada com o “comportamento reflexivo diante da tradição” (GADAMER, 1998, p. 17-25). O filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002), defensor da análise hermenêutica para as ciências históricas, avalia que todos os registros e vestígios de uma época passada – matéria-prima do pesquisador – necessitam de uma interpretação crítica. Assim sendo, a leitura do texto, da tradição oral, dos gestos e dos comportamentos sempre sofre mediações no processo de interpretação. Logo, uma reflexão crítica sobre as condições de produção que levaram determinado documento a ter um ou outro significado é de fundamental importância, mesmo porque, nenhum texto é compreendido imediatamente no seu instantâneo.

É imprescindível, segundo Gadamer, entender que o senso histórico é uma atribuição de uma consciência moderna que se caracteriza por uma reflexividade e uma crítica sempre “apta a compreender a possibilidade de uma múltipla relatividade de pontos de vista” (GADAMER, 1998, p. 18). Esse senso histórico diferencia e habilita o trabalho do historiador naquilo que ele tem de mais particular: o talento e a sensibilidade para compreender o passado “a partir do próprio contexto em que ele emerge” (Idem). É o próprio filósofo quem define essa particularidade do estudioso da área de humanas:

Ter senso histórico é superar de modo conseqüente à ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, adotando a perspectiva de nossas instituições, de nossos valores e verdades adquiridos (...) significa pensar expressamente o horizonte histórico coextensivo à vida que vivemos e seguimos vivendo (Idem, *ibidem*).

Essa possibilidade de desenvolver, ao máximo, o senso histórico permite ao historiador assumir uma postura de crítica em relação ao passado investigado, no momento em que se percebe inserido no seu tempo/contexto e selecionando problemas/questões a partir do seu presente. É a percepção perspectivista de que o “passado sempre é o olhar do presente” que produz um conhecimento singular, relativo e livre da neutralidade e da verdade absoluta. O diálogo entre o presente e o passado se faz com a consciência da temporalidade e relatividade dos fatos e das coisas, bem como com a capacidade do indivíduo em compreender a sua inserção no tempo presente.

Atualmente, na historiografia, é esse o caminho que os estudos sobre as mulheres e as relações entre os gêneros vêm perseguindo, o que os coloca na vanguarda de uma frente crítica do pensamento contemporâneo da desconstrução. Seyla Benhabib e Drucilla Cornel enfatizam o processo de reestruturação da tradição teórica ocidental a partir de uma perspectiva feminista. As autoras comentam sobre uma reconstrução intelectual em curso nesses últimos vinte anos que, entre outras propostas, busca investigar as experiências concretas das mulheres na cultura, na sociedade e na história e, também, indagar

“como a mudança de perspectiva dos pontos de vista dos homens para o das mulheres poderia alterar as categorias fundamentais, a metodologia e o entendimento da ciência e da teoria ocidentais” (BENHABIB & DRUCILLA, 1987, p. 7).

Não é coincidência o fato de a institucionalização dos estudos sobre as mulheres nas academias e nas universidades ocorrer no contexto dos movimentos sociais feministas dos anos 60 e 70 nos Estados Unidos e na Europa (SCOTT, 1992). É no bojo das lutas e reivindicações por uma participação ampla das mulheres na sociedade que se forjam problemas e reflexões que os centros acadêmicos vão aos poucos absorver. São as experiências das mulheres engajadas em movimentos que terminam por empurrar as discussões para os espaços acadêmicos. Mais uma vez a lição do historiador Marc Bloch sobre a legitimidade da história nos permite reter o princípio de que é necessário compreender o passado pelo presente:

“conscientemente ou não, é sempre às nossas experiências quotidianas que, em última análise, vamos buscar, dando-lhes, onde for necessário, os matizes de novas tintas, os elementos que nos servem para a reconstituição do passado” (BLOCH, s/d).

Nesse sentido, a leitura sobre as mulheres e as relações entre os gêneros se afirmam num contexto de transformações e numa conjuntura intelectual propensa a rupturas e reavaliações de paradigmas discursivos sobre o social. Segundo Boaventura, é a consciência dos problemas originados nos conflitos entre homens e mulheres que embasa todas as formas de movimentos contestatórios, e traz a possibilidade da reconstrução da subjetividade dos grupos (BOAVENTURA, 1996, p. 301-06).

O direito a uma participação social ampla e a um exercício mais livre da cidadania constitui a motivação e, ao mesmo tempo, a fonte de inspiração dos estudos feministas. Não é sem empenho que muitas estudiosas e críticas da ciência vêm discutindo as possibilidades de construção e desconstrução de teorias feministas (se assim podemos chamá-las), para instrumentalizar o trabalho de pesquisa sobre outros sujeitos, que não o homem universal. Sandra Harding, filósofa norte-americana e crítica da ciência feminista, já há algum tempo vem expondo a instabilidade das categorias analíticas da teoria feminista, procurando referências numa nova postura científica que evidencie conceitos e categorias de análises em que o ausente, o invisível e o silenciado possam estar presentes. Harding propõe utilizar a instabilidade das categorias como recurso de análise (HARDING, 1986). No seu livro sobre *Ciência e Feminismo*, ela critica a epistemologia atual, examinando as tendências das críticas feministas da ciência com o objetivo de identificar as tensões e os conflitos presentes entre elas (HARDING, 1996).

Esse movimento aproxima as perspectivas dos historiadores e dos estudiosos das ciências humanas à discussão sobre os modos de se ler, pensar e fazer a história no mundo de hoje. O grande objetivo da hermenêutica, quando associada à pesquisa sobre o passado, é a busca de métodos - e não de teorias fixas - que valorizem a transitoriedade do conhecimento e a historicidade das experiências femininas. Convém lembrar que os estudos sobre as experiências sociais das mulheres reavaliam paradigmas epistemológicos tradicionais e funcionam como contributo importante para uma nova atitude metodológica frente à relação passado-presente: "estes estudos participam em cheio do processo de elaboração do conhecimento e de crítica dos métodos das ciências humanas" (DIAS, 1992, p.46). Do mesmo modo, também nos permitem:

"reconstruir ou redefinir os processos de subjetividade, de identidade, da própria racionalidade no mundo contemporâneo, que se volta para o passado a fim de se reencontrar, devidamente relativizado, no presente" (Idem, ibidem).

Sendo assim, as pesquisas sobre os gêneros nos seus processos de historicidade revelam um grande esforço de renovação teórica e “têm se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências excluídas” (SAMARA & SOIHET & MATOS, 1997, p. 102). São estudos que refletem cada vez mais as nossas preocupações com o presente e com o projeto de modernidade, que de modo intenso, traz novos significados de subjetivações para determinados grupos sociais, particularmente, as mulheres.

Além da contribuição propriamente científica, o estudo de *outras histórias* embasa projetos políticos que visam o resgate de variados sujeitos e atores, não mais abstratos e universais, e, conseqüentemente, das suas experiências e lutas, proporcionando, assim, a construção de uma sociedade mais plural em identidades e cidadanias.

Podemos concluir que, dentro do quadro relativista do pensamento contemporâneo e das críticas às abordagens totalizantes, os estudos sobre a história das mulheres e das relações entre os gêneros constituem a prova mais perceptível de que as ciências humanas, particularmente a história, se renovam numa profunda reorientação de seus paradigmas. Longe da propalada fragmentação do real, esta escrita constrói críticas balizadas por uma concepção de história que busca problematizar condições, experiências, lugares, práticas e imagens de sujeitos em seus grupos. Em contraposição aos universalismos que enquadram as formas de organizações sociais e padronizam as culturas, legitimando sistemas de dominação de toda ordem, os novos olhares da ciência contemporânea elegem o particular, o específico e o diferente na sociedade. Daí entender a importância da interpretação hermenêutica para as abordagens ligadas à Nova História Cultural.

REFERÊNCIAS

BENHABIB, Seyla; DRUCILLA, Cornell (orgs.). **Feminismo Como Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Europa-América, s/d.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1991.

CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p. 39-53, 1992,

GADAMER, Hans-Georg. Problemas Epistemológicos das Ciências Humanas. Fruchon, Pierre (org.). **O Problema da Consciência Histórica**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p17-25, 1998,

HARDING, Sandra. The Instability of the Analytical Categories of Feminist Theory. **A Journal of Women in Culture and Society**. Chicago, v. 11, n. 4, p. 645-654, 1986.

_____. **Ciencia Y Feminismo**. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. **Gênero em Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea.** São Paulo: EDUC, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 1996.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.